

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

R. R. SCHMIDT — **Der Geist der Vorzeit** — 1 vol. de 245 págs.,
Keil Verlag — Berlim, 1934.

Baseado nas últimas aquisições da paleontologia, da pre-história e da psicologia, o A. faz a reconstituição da história da humanidade, considerando o ambiente, o universo, o corpo e a alma como unidade criadora do desenvolvimento da humanidade. Introduz-nos na cultura e na vida da pre-história e mostra-nos como apareceu a primeira crença e qual a origem da arte. Fundado na paleontologia e nos nossos conhecimentos do desenvolvimento psíquico humano, apresenta como um novo ramo da antropologia o conhecimento da alma do homem pre-histórico, ligando assim o presente ao passado. Embora o A. tenha necessariamente sido obrigado a construir e admitir hipóteses, nem tôdas indiscutíveis, a obra, pela fluência do seu estilo e pela maneira como tem encadeiadas as conclusões de cada ciência a que o A. recorre, lê-se com muito agrado e é uma excelente síntese das aquisições científicas no domínio da Antropologia física e psíquica.

A. ATHAYDE.

DR. GEORGE MONTANDON — **Traité d'Ethnologie Culturelle** — Um vol. de cerca de 800 págs., 438 figs., numerosas cartas e 32 estampas — Paris, 1934.

O magnífico tratado de etnologia cultural que o Prof. Montandon, da Escola de Antropologia de Paris, acaba de publicar em edição da casa Payot, é um relevante serviço prestado aos investigadores e aos curiosos dos assuntos etnográficos. Fazia-se sentir deveras a falta dum livro dêste género em língua francesa. O excelente livro de Deniker era sumário e necessitava de ser actualizado com a explanação das modernas sistematizações. O *Questionnaire* de Louis Marin é de averiguada utilidade, mas

constitue, por sua própria natureza, um programa de trabalho não uma resenha de resultados. Não faltam monografias de regiões ou de factos, não faltam dissertações sôbre generalidades etnológicas, mas não havia um livro como aquele que o Prof. Montandon acaba de dar à estampa.

Divide-se o copioso volume em duas partes. A primeira contém as generalidades, definições, discussão das teorias culturais, descrição dos ciclos de cultura. Expostas as teorias do desenvolvimento uniforme (chamada evolucionista), dos ciclos culturais ou *Kulturkreise*, e *hiperdifusionista* de Elliot Smith (que coloca no vale do Nilo a origem de tôdas as civilizações), o A. expõe a sua concepção da *Ologénesse cultural*, paralela à idea ologénica que adoptou na Antropologia Física. O ciclo cultural é na Etnografia, diz, o que a raça é na Antropologia somática. Dum estado universal de cultura primitiva teriam resultado dicotomicamente, em ramos precoces e târdios, e não em centros ou pontos restritos mas em áreas, os vários complexos culturais. Mas esta concepção ologénica deixa em aberto, segundo o A., a questão de saber se culturas análogas de vastas regiões de diferentes continentes resultam de origens comuns para todo o globo ou de convergência. Também o A. distingue entre elementos de cultura ocasionalmente *inventados* e elementos largamente *adoptados*, só estes últimos sendo característicos dum ciclo de cultura.

São doze as culturas fundamentais que o A. individualisa e cujo desenvolvimento e conexões resume num quadro elucidativo: I, a cultura primordial ologénica, de formas embrionárias desconhecidas, com duas fâcies — a pigmoide (I a) e a tasmanoide (I b); II, a forma cultural australoide, também chamada o *Ciclo do bumerang*; III, o ciclo totémico; IV, o ciclo páleo-matriarcal ou das duas classes; V, o ciclo neo-matriarcal ou do arco chato; as culturas médias do mesmo ramo precoce, a autronesioide ou malaio polinesioide (VI a) e a sudanoide (VI b), com presumíveis conexões antigas; VIII, a cultura méxico-andinoide, forma superior do mesmo ramo precoce com 8 fâcies principais; as culturas infero-médias do ramo târdio, a ártico-subártica (VII a) e a pastoral (VII b); as culturas superiores do mesmo ramo, IX ciclo sinoide, X ciclo indoide, XI ciclo islamoide e XII¹ ciclo páleo-mediterrâneo, do qual deriva a cultura suprema, a moderna civilização ocidental (XII²).

Para cada ciclo, Montandon estuda sinteticamente a distribuição, a economia, a produção do fogo, a habitação, o vestuário, as armas, os utensílios, os meios de transporte, a organização da família, a propriedade, cerimónias, mutilações, sepulturas, crenças, música, artes plásticas, etc.

A segunda parte do livro, de ergologia sistemática, dum riquíssima informação documental, abrange sucessivamente a descrição de instrumentos e utensílios de caça, de pesca, de agricultura, de fogo, de metalurgia, a habitação, o mobiliário, o vestuário, calçado, ornatos, penteados, armas, utensílios industriais, meios de transporte e de comércio, mutilações, sepulturas, canibalismo, instrumentos de música, máscaras, etc. À descrição sistemática dos vários factos segue-se o estudo da sua distribuição no globo e nos diversos ciclos culturais, e mesmo, quando possível, do desenvolvimento e conexões das suas diferentes manifestações. Figuras, quadros e cartas, em profusão, ilustram e valorizam os vários capítulos, alguns dos quais são verdadeiramente preciosos para os etnógrafos e contém muitos elementos originaes.

Pode divergir-se do Prof. Montandon quanto à sua concepção, porventura um pouco forçada, dum Ologénesse cultural, paralela a uma Ologénesse física. Mas essa concepção não é absorvente na exposição, não desfigura a realidade, não modifica o alto interesse documental da informação contida neste livro de primeira ordem. Notemos que a ergologia sistemática é a parte mais desenvolvida pelo que o volume trata sobretudo da parte material da Etnografia, mas aparecem interessantes elementos, a cada instante, sôbre os aspectos psico-sociológicos daquela ciência. Montandon colocou-se a respeito desta, numa atitude análoga à de alguns antropogeógrafos perante a geografia humana, quando nesta se ocupam, apenas ou sobretudo, da geografia dos factos materiais.

Talvez entre os méritos dêste livro devamos destacar precisamente o cuidado que o autor teve em, a-pesar-das suas opiniões e doutrinas, procurar conservar-se o mais possível no domínio do objectivo e do concreto. Ainda assim é possível a objectividade no estudo das manifestações culturais de carácter abstracto ou imaterial, como a religião, as superstições, certos aspectos da vida psíquica e da vida social. Certamente Montandon não deixará de nos dar um dia uma visão igualmente brilhante dessa face da ciência etnográfica, servida pelo mesmo método, pela mesma imparcialidade, pela mesma erudição, que tem afirmado, com talento multiforme, nos seus estudos quer de Antropologia física, quer de Etnologia cultural.

MENDES CORRÊA.

PROF. DR. MENDES CORRÊA — *Cariocas e Paulistas — Impressões do Brasil* — E.J. Fernando Machado & C.^a L.^{da}, Pôrto, 1935.

Cabe-nos o encargo, ao mesmo tempo difícil e agradável, de dar notícia, pòstoque sucinta, da novíssima obra do Prof. Mendes Corrêa, cujo primor literário a casa editora Fernando Machado, bem conhecida e de largo crédito, acaba de lançar a público, em cuidada e elegante edição. Dentre as obras e revistas que nos compete relatar, escolhemos esta, cujo interêsse e curiosidade são manifestas, por se tratar dum livro de impressões de viagem, atraente pela forma e pelo texto, devido à omnímota aptidão, ao reconhecido talento e diversa competência do insigne professor, cujas faculdades de escritor se expressam nesta recente produção da forma que melhor pode recomendá-la aos leitores.

Todos sabem a razão de ser dêste livro, que tem como principal motivo, a ida do autor ao Brasil, por honrosíssimo convite, a-fim-de inaugurar o Instituto Luso Brasileiro da Alta Cultura, cuja sessão se efectuou no Rio de Janeiro, em Junho do ano passado. Apresenta o autor, em linguagem corrente, acessível a todos, sem prejuízo de natural elegância, o que êle denomina a sua colectânea de notas de viagem, em que nos conta as suas impressões e os seus pensamentos, resultantes de contacto com as pessoas, as coisas, os aspectos, tão variados, os acontecimentos, de tanta importância, que presenciou e nos revela a fisionomia moral e intelectual das personagens distintas, em todos os sectores, com as quais tratou, tudo isto com o claro sentido dos relêvos e dos planos.

Diz-nos o quanto basta, o traço definitório dos vultos, a nota impressionante dos factos, marcados com admirativa sinceridade, de observador benévolo, sem resabios de ironia, nem de crítica impertinente, que prejudica a intenção e a valia das descrições e referências de outros escritores viajantes.

«Cariocas e Paulistas» mostra-nos as diferenças dos meios sociais, as *facies* do Rio e de S. Paulo; prende-nos à leitura pela exactidão e bom senso das observações, de subtilidade espiritual, pelas quais nos põe em contacto com o que viu e nos deixa entender o que ouviu. Perpassam numa espécie de panorama interior, as mais diferentes perspectivas, as paisagens, as mentalidades, as instituições, patenteando-nos, em discernidas apreciações, a noção clara e precisa do Brasil grandioso e progressivo, generoso e forte, abundante e culto. As impressões de viagem, sempre interessantes, até de simples curiosos e turistas, atingem maior importância quando transmitidas pelo eminente homem de saber, pela pessoa de verdadeira alta-cultura, que é o autor dêste

livro, o qual nos instrui tanto das aparências e das belezas do país irmão, como das personalidades, dos costumes, dos monumentos e das Artes, das instituições políticas, científicas e sociais, e nos fornece a maior cópia de informações, a respeito de tudo que possa despertar a curiosidade intelectual e tocar a nossa sensibilidade. A digressão do sr. Prof. Mendes Corrêa ao Brasil constituiu um acontecimento memorável e proveitoso para nós, no ponto de vista nacional e político da interrelação das duas pátrias portuguesas, irmanadas pela História e pela Linguagem, pela Literatura e pelo Saber e portanto foi verdadeira embaixada e da melhor e autêntica diplomacia. Não procuramos comprová-lo nestas poucas linhas; apenas afirmar que o resumo descritivo dessa digressão, realizada com êxito completo, coube, por milagre da escrita, no pequeno volume, tão acessível, que temos presente e em que o autor, servindo-se de crítica esclarecida e imparcial, narra todos os passos dessa significativa actuação, da qual sobressai, para nós, a vantagem de apreciações favoráveis ao nosso país, e que só a pessoa e a influência excepcional do ilustre Professor poderiam colher.

De todos os capítulos, de excelente informação e agradável leitura, não deveremos deixar de salientar o que trata minuciosamente do *Caso Canella-Bruneri*, o qual, por tantos motivos, apaixona a opinião pública e dos especialistas, na Itália e no Brasil. A exposição do célebre caso médico-legal de após-guerra, em que se debatem as convicções, na aparência mais fortes, e se discutem as provas convincentes julgadas hoje mais estáveis, como as provas dactiloscópicas e o assinalamento antropométrico, bem como grande número de testemunhos e opiniões apreciáveis, é feita de maneira superiormente científica, sensata e discreta e, ao mesmo tempo, de cinemática emoção, que só por êste facto, o novo volume devido ao sr. dr. Mendes Corrêa fica em extremo valorizado e, por tudo que nos revela, a respeito do Brasil, merece ser lido por todos.

B. FERREIRA.

DR. CONSTÂNCIO MASCARENHAS — *Os Povos de Angola* — (Com prefácio do PROF. DR. GERMANO CORRÊA), Bastorá, Índia, 1934.

A já valiosa contribuição bibliográfica portuguesa sôbre as raças africanas foi enriquecida, desde o passado ano, célebre pela realização da Exposição Colonial e pelo I Congresso Nacional de

Antropologia, reunido, a propósito dela, no Pôrto, pela publicação do novo volume do insigne antropologista e etnologista, Dr. Constâncio Mascarenhas.

Dos numerosos estudos das raças coloniais, que povoam e se espalham pelos domínios do chamado Império Português, elaborados sob pontos de vista diversos, alguns romantizando a vida entre negros, no vasto Continente que dêles toma o nome, há muito, o documentário científico deste consagrado antropologista, e as opiniões eruditas, bem como as considerações de ordem etnológica que encerra o volume que temos presente, dedicado à memória do Prof. Silva Teles, possuem um valor considerável pelas bases de verdadeiro conhecimento em que assentam e pela excelente obra técnica de que se nos dá mostra. Poderia entrevêr-se, neste apreciável trabalho, desde certo ponto, a reabilitação do negro, cuja intelectualidade e moralidade rudimentares anquilosadas (diz o autor) no primeiro estádio da civilização, não representam, de modo absoluto, a *estabilização definitiva* das raças camíticas e a sua impossibilidade completa de ascenderem a estádios de civilização mais adiantada. Que esta progressão, embora lenta e perturbada, não é impossível, prova-o a quantidade de factos, que sobretudo para nós mesmos, senhores do vasto Império, foram revelação interessante e esperançosa, no sentido dê-se progresso, presentido apênas por alguns e afirmado actualmente por acontecimentos e pormenores de relêvo científico. A obra interessantíssima e de largo alcance etnológico e social, do Dr. Constâncio Mascarenhas, vem confirmar êste conceito por meio de medidas e apreciações de forma e de carácter métrico, de ordem fisiológica, psicológica e moral, de modo a colocar o negro, não como conjunto de elementos étnicos, muito atrasados, e inadaptáveis ao progresso da humanização, do trabalho racional, da Arte e da Indústria, mas, pelo contrário, na série dos elementos susceptíveis de ensinamento, de perfeição e de sociabilidade, que dariam, num futuro, não muito distante talvez, núcleos importantes de população negra, trazidos com habilidade e humanidade conscienciosas ao contacto permanente da nossa civilização. Isto a partir do lema que êste autor estabelece de que, «sob o ponto de vista anátomo-fisiológico não se encontram diferenças entre os povos civilizados e as populações negro-africanas». Assim a platirrinia negróide não seria definitiva do carácter de inferioridade, pois, como acabam de demonstrar Haddon e Montandon, seria função duma forma de adaptação climática, própria das paragens húmidas e quentes, ao passo que nas regiões frias e de relativa secura, a abertura nasal se torna estreita, de modo a aquecer o ar aspirado. Seria portanto esta platirrinia, como diz o dr. Mascarenhas,

resultante da influência mesológica e não sinal de degenerescência, o que o leva a afirmar que, «no ponto de vista biológico, não há razões científicas que justifiquem o preconceito e fundamentem o dogma da inferioridade congénita das populações negro-africanas». Nesta obra, o autor apresenta numerosos quadros de medidas realizadas sôbre a Colecção craniológica legada pelo Prof. Silva Teles à Sociedade de Geografia de Lisboa e composta de crânios de angolanos, cujo estudo estava ainda a tentar quem o efectuasse, com a técnica experimentada e precisa, como aquela de que o autor dispõe.

A análise etnogénica levada a efeito por êle, dá como elementos constituintes das populações de Angola os tipos muito diversos de Bochimane, Hotentote, Banto, Negrito, Negrilho e até de Europeu. São numerosos os contribuintes para êste apuramento, sempre de enorme dificuldade, que o autor procurou realisar com a probidade científica que é sua peculiar.

B. F.

F. ROMAN — *Sur une faunule de Vertébrés et sur des pièces néolithiques du Sahara Occidental* — «Bull. de l'Assoc. Régionale de Paléont. et de Préhist.», n.º 5, Lyon, 1935; *Les collections de Géologie et de Paléontologie de la Faculté des Sciences de Lyon* — Extr. des «Annales de la Soc. Linnéenne», t. LXXVIII (1934), Lyon, 1935.

O ilustre geólogo e paleontologista de Lyon, Prof. F. Roman dá conta, na primeira nota, de vários restos fosseis animais, dos restos dum esqueleto humano e de objectos neolíticos, encontrados por missões do Serviço Geológico da África Ocidental Francesa a NNO. de Araouan e a S. de Guir, e enviados para determinação ao Laboratório de Geologia de Lyon.

O esqueleto humano, de idade talvez neolítica, reduz-se a fragmentos insignificantes que não autorizam precisões étnicas. Os restos de indústria lítica e em osso, também do S. de Guir, foram estudados pelo eminente antropologista, Prof. L. Mayet, colaborador do Prof. Roman. Os objectos líticos são machados-cunhas de tipo comum no neolítico da África Ocidental e as peças em osso reduzem-se a utensílios de pesca, dos quais alguns lembram peças madalenenses.

Quanto à fauna de Vertebrados, o Prof. Roman determinou vários peixes do grupo dos Silurídeos, restos de *Crocodylus e Trionyx*, de Roedores, Hipopotamídeos, Cervídeos, Bovídeos, etc. A fauna

é comum às duas estações. a-pesar-da distância que separa estas. Trata-se de espécies ainda existentes, senão naqueles locais, pelo menos em regiões próximas. São formas aquáticas ou que vivem nas margens de rios e de lagos como o antílope *Limnotragus*. Teria havido uma modificação muito profunda do clima na região, onde existiriam na época neolítica grandes rios ou pântanos que hoje não existem. O Prof. Roman inclina-se a admitir, perante os utensílios de pesca, que se não trataria de depósitos naturais de restos orgânicos, mas da acumulação de restos de animais que o homem teria utilizado para a sua alimentação.

A segunda notícia refere-se às belas colecções de geologia e de paleontologia da Faculdade de Ciências de Lyon, que o sinatário destas linhas teve o grande prazer de visitar por duas vezes em 1931. O Prof. Roman põe em relêvo especial o labor do saudável Prof. Déperet, de que é hoje o continuador ilustre, com colaboradores como o Prof. Mayet, o dr. Doncieux, o dr. Arce- lin, etc. As colecções são sobretudo importantes a partir do lias, mas destacam-se as magníficas séries de Vertebrados terciários e quaternários e de Paleontologia humana, a que dizem respeito investigações que constituem uma verdadeira glória da Escola de Lyon. Algumas colecções locais se conservaram isoladas, pelo seu interesse especial, no magnífico conjunto.

M. C.

H. V. VALLOIS — *Le Javanthropus* — «L'Anthropologie», t. VI, Paris, 1935; *Les ossements bretons de Kerné, Toul-Bras & Port-Bara* — Vannes, 1953.

Os restos de vários crânios descobertos por Oppenoorth no quaternário de Ngandong, em Java, em 1931 e 1932, e pelo mesmo atribuídos a um novo género e a uma nova espécie *Javanthropus soloensis*, são o objecto do primeiro estudo do ilustre director de «L'Anthropologie».

O Prof. Vallois insiste com razão nas analogias entre o *Javanthropus* de Ngandong e o homem de Neanderthal, com o qual acha preferível a sua identificação, embora reconhecendo tratar-se duma raça local, como na Palestina e na Rodésia.

Examinando as hipóteses genealógicas emitidas a propósito do *Javanthropus*, o A, não se decide por nenhuma, limitando-se a proclamar que o maior interesse da descoberta de Ngandong está em nos indicar que o homem de Neanderthal teve provavelmente um desenvolvimento paralelo ao do *H. sapiens*.

O segundo estudo do Prof. Vallois diz respeito aos esquele- tos prehistóricos de Kerné, Toul-Bras e Port-Bara, na Bretanha, todos datados do período de La Tène e alguns deles muito recente- mente descobertos por Le Rouzic. Em oito exemplares que per- mitiram o estudo detalhado, Vallois determinou a dolicocefalia nítida, eurimetopia, leptoprosopia predominante, mesorrinia. É in- teiramente de excluir o negroidismo de que se havia falado num crânio de Toul-Bras, e há a notar uma curiosa diversidade antro- pológica em relação aos braquioides actuais da Bretanha.

Só com elementos objectivos e sistemáticos como os agora reunidos pelo antropologista francês, se poderá fazer uma recons- tituição científica da antropologia prehistórica da Europa.

M. C.

JOÃO PERESTRELLO, — *A Nacionalidade Portuguesa — I — Raças Nacionais e a Raça Portuguesa.* — Lisboa, 1934, 1 folheto.

Nêste opúsculo trata o autor largamente de estabelecer a definição de Raça com precisão científica, e de estudar o fenóm- eno ou o conjunto de fenómenos naturais e sociais, que deter- minam a génese do que se convencionou chamar Raça, e conclui pela tendência geral para a constituição de agregados, que obedecem a certas leis e condições. Estudando a maneira como se constituem os agregados populacionais, em relação com as cir- cunstâncias mesológicas e a diferenciação de semelhantes agrega- dos, de um e de outros, estabelece a formação das nacionalidades. Comenta a êste respeito, as ideias gerais e as teorias particulares, que explicam a origem dos grupos étnicos. O autor estabelece o conceito do que êle chama — *Raça nacional* — e os critérios em que assenta. Hemos de advertir que êste conceito peculiar, que o autor pretende fixar, não sai muito claramente dos capítulos, aliás interessantes, em que se divide a obra.

Certas considerações são, porém, lógicamente aduzidas e a documentação variada e bem seleccionada em fontes de infor- mação.

Aplicado êste conjunto expositório ao nosso País, o autor conclui pela *Unidade Nacional Portuguesa*, de origem metropolitana e colonial, e pela consagração desta *Totalidade unitária*, histórica, intelectual, moral, económica e política, exemplar perante o Mundo.

Todo o trabalho se impõe pelo sentido patriótico e nacio- nalista, pelo que só temos de felicitar o autor.

B. F.

SERGIO SERGI — *Le genti del suolo di Roma attraverso i tempi* — «Atti della Soc. Italiana per il Progresso delle Scienze» (Roma, Outubro 1932), Pavia, 1933.

Síntese magnífica da paleontologia e da antropologia da Cidade Eterna. Desde os mais remotos achados do quaternário, em que tem um lugar destacante o crânio neandertaliano de Saccopastore, até aos relativos aos Romanos da antiguidade histórica — passando em revista no decurso da bela exposição os restos neo-eneolíticos e dos metais — o ilustre professor de Roma não deixa no esquecimento nenhum documento importante e procura enquadrar os achados locais nos sistemas gerais sobre a evolução do homem e da cultura.

Na sua opinião o Lácio é a região em que as estirpes predominantes no norte da Península apenina e as predominantes no sul, se equilibram. É, diz, o quadro da Nação. Roma simbolisa a Itália. Centro de civilização milenária, traço antropológico de união entre as gentes do país, o velho fundo romano subsiste — «índice di vitalità meravigliosa di questa terra mai esausta di uomini e dove fiorisce ogni grandezza civile».

Para os que supõem árida a ciência antropológica, poderia servir de desmentido o belo e empolgante quadro traçado pelo mestre italiano.

M. C.

LÍDIO CIPRIANI — *Nuovi dati archeologici sulla Rhodesia* — Extr. de «L'Universo», XVI, Firenze, 1935; *Appunti antropologici sulla Sardegna* — Estr. de «L'Universo», XV, Firenze, 1934.

No primeiro artigo, bem ilustrado, o A. resume o estado actual da controvérsia sobre a origem das célebres minas de Zimbábue e análogas doutros pontos da África do Sul, a respeito das quais escreveu mesmo há pouco tempo um livro de muito merecimento, fundado, em grande parte, em observações directas. O Prof. Cipriani relata no presente artigo as descobertas recentemente feitas pelo Prof. Fouché, de Pretória, perto de Mapungubwe, no Transvaal septentrional. Essas descobertas radicam a sua convicção duma origem indígena, bântu, das famosas ruínas da Rodésia. O Prof. Fouché descobriu e explorou uma pequena colina artificial, alvo de terror supersticioso de parte dos indígenas actuais. Encontrou muros e vários pavimentos, bem conservados, descobrindo no terceiro objectos de ferro, bronze e ouro, que os peritos reconhecem de factura indígena.

Sabe-se que, depois dos estudos de Mac Iver em 1906, tem prevalecido a tese da cronologia não muito remota daquelas minas, o que ainda ultimamente foi confirmado pelas pesquisas de Miss Caton-Thomson. Mas Fröbenius e outros autores sobretudo sul-africanos, insistem na opinião duma grande antiguidade e duma origem não indígena, não bântu, daqueles restos arqueológicos. Burkit no seu livro *South Africa's Past in Stone & Paint* (Cambridge, 1928) considera as ditas ruínas como posteriores a 1000 da nossa era, mesmo algumas como post-medievais, e manifesta-se também contra a tese da sua origem estrangeira, por exemplo contra a tese da sua origem árabe.

O segundo artigo do Prof. Cipriani reúne os resultados de observações suas na Sardenha e é belamente documentado com fotografias de tipos físicos, de costumes, de habitações, de aspectos panorâmicos, etc. Para o ilustre antropólogo, embora na Sardenha não tenham aparecido restos humanos anteriores ao neolítico, há ali um velho substrato étnico, inconfundível, que entende dever relacionar com as difusões oceânicas sobretudo proclamadas pelo Prof. Rivet. A extrema dolicocefalia de alguns sardos aparenta deveras esta população com a de algumas províncias portuguesas, de marcada dolicocefalia. Há dificuldade na distinção e identificação definitiva destes elementos, mas não ocultarei ao Prof. Cipriani que, ao examinar muitas das suas fotografias de gente e usanças da Sardenha, não encontrei diferenças acentuadas em relação a aspectos antropológicos e etnográficos do meu país. Senti a impressão de que estava perante um album etnológico de um recanto de Portugal.

A actividade científica do ilustre antropólogo de Florença mantém-se intensa e fecunda, para honra do seu nome e da Antropologia italiana.

M. C.

AFONSO DO PAÇO — *Carta Paleolítica e Epipaleolítica de Portugal* — (Extr. do vol. I dos Trab. da Assoc. dos Arqueólogos Portugueses). Lisboa, 1934.

É um folheto in-4.º, em que o autor, com aquela reconhecida competência que lhe conferem trabalhos anteriores, expõe a distribuição corográfica das estações averiguadas e estudadas no país e faz a resenha das descobertas arqueológicas nêle realizadas, desde a iniciação destes trabalhos em Portugal. O autor apresenta o catálogo das estações e dos observadores, aos quais se deve o exame petrográfico, geológico e arqueológico dos luga-

res. Muito útil, de-certo, a extensa bibliografia que fecha a obra e revela o muito que há escrito sobre o assunto entre nós e que carece de divulgação. Este consciencioso trabalho mostra também a importância de semelhantes achados e a largueza do estudo já efectuado do Paleolítico e do Epipaleolítico em Portugal. O folheto insere diversos mapas.

B. F.

TENENTE-CORONEL A. M. STRECHT DE VASCONCELOS — *Divagações etimológicas acerca do nome de Portugal* — (Estudos regionais), V. N. de Famalicão, 1934.

Sob este título publica o autor, sr. tenente-coronel Strecht de Vasconcelos, um pequeno volume enriquecido de minuciosas informações sobre nomes diversos antigos e suas derivações, para estabelecer precisamente as origens de nome da Pátria comum, assunto que, segundo o autor, deve merecer atenção e estudo, pois a insciência desta questão patronímica nos coloca em um caso de deprimente excepção, em presença de estrangeiros, que, de ordinário, conhecem bem o que diz respeito a suas terras de naturalidade.

B. F.

Anthropological papers of the American Museum of Natural History New York City — Vol. XXXIII, Part. V & XXXV Part. I, 1934; *The Hidatsa Earthlodge*, by the late G. L. Wilson, Ed. de Bella Weitzner; *Excavations at Gualupita*, by Suzannah B. & J. Vaillant.

No primeiro destes volumes trata-se do estudo muito documentado sobre a forma de habitação de indígenas da tribo Hidatsa e o dispositivo da sua aldeia, conforme os documentos de G. Wilson recolhidos em 1908 para o Museu de Nova Yorca. Este trabalho acha-se publicado depois do falecimento do autor, em 1930.

A redacção definitiva, segundo os apontamentos de Wilson encontra-se agora magnificamente editada pelo Museu de Nova Yorca, e pelo cuidado meticuloso da Sr.^a Bella Weitzner. Esta obra é profusamente ilustrada de gravuras e plantas, relativas a este assunto de interesse etnográfico indio-americano.

No vol. XXXV, Parte I, os autores tratam do resultado das

excavações prosseguidas com rigoroso método em Gualapita, no México, em sítios onde se sobrepõem os restos de antigas civilizações indígenas anteriores aos Aztec e que se acham estudadas de acôrdo com a disposição das camadas geológicas das regiões reconhecidas em 1932, na importante zona de excavações e reconhecimentos arqueológicos, denominada — Vale do México. O sistema de excavações de que tratam, além deste volume, outros publicados anteriormente, mostram de maneira clara, a sobreposição das civilizações ou eras, nesta parte do continente americano, do máximo interesse arqueológico e etnográfico, pela riqueza dos achados, magnificamente expressos neste repositório do rico Museu Americano do Norte.

B. F.

DR. ADOLF KNÖBL — *Untersuchungen in weiteren 18 nordmährischen Dörfern*, in «*Anthropologische Untersuchungen in den Sudetenländern*», publicadas pela Deutsche Gesellschaft der Wissenschaft und Künste für die Tschechoslowakische Republik, Praga, 1934.

Apresenta-nos o A. os resultados das suas investigações sobre 18 aldeias que foram estudadas duma maneira exaustiva e metódica, como já o tinha feito, quando em 1931 examinou 3 povoações desta mesma região.

Principia por nos dar um minucioso estudo do homem e do meio nas suas relações reciprocas, descrevendo a paisagem e as condições da natureza, o povoamento da região, as condições de vida da aldeia, e terminando este primeiro capítulo com uma resumida descrição e estatística das aldeias estudadas.

No segundo capítulo estuda o A. minuciosamente a antropologia da população, publicando as observações individuais e a bibliografia.

As conclusões tiradas pelo A. dos caracteres antropológicos coligidos podem ser assim reunidas: a população é de estatura média, braquicéfala e da capacidade craneana média, sendo a face de altura e largura médias, mas aparecendo os indivíduos mais freqüentemente cameprósopos.

O cabelo geralmente é liso ou levemente ondulado, predominando a cor castanho claro. Os olhos na sua maioria são claros ou mixtos, raramente escuros.

A. A.

LEONÍDIO RIBEIRO — **A propósito das alterações pathológicas dos desenhos papillares** — Reimpr. da «Fêlha Médica» — Rio de Janeiro, 1935.

Resposta cortez e documentada aos ilustres professores Locard e Luís de Pina (Vd. «Trabalhos», t. VII, p. 204), que haviam feito comentários aos estudos do talentoso director do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro relativos à acção da lepra e de outros males sôbre os desenhos papilares.

O assunto está definitivamente esclarecido: no fundo, houve apenas discordância quanto ao grau das várias participações pessoais no estudo da matéria e justificados receios de que o vulgo pudesse indevidamente supôr em crise o princípio fundamental da identificação dactiloscópica.

M. C.

FLAMÍNIO FAVERO — **Registro do typo sanguíneo nas cadernetas de identidade** — «Annaes da Fac. de Med. da Univ. de S. Paulo», t. X, S. Paulo, 1934.

Desde 1932 é incluída a menção do grupo sanguíneo nas cadernetas de identidade fornecidas pelo Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, da Faculdade de Medicina de S. Paulo. O ilustre director dêste Instituto expõe as ponderosas razões da inovação ali feita, citando alguns casos médico-legais de investigação de paternidade, o interêsse do assunto para a transfusão, etc. Não podemos deixar de aplaudir.

M. C.

FERNANDO DE MACEDO CHAVES — **Contribuição para o estudo do desenvolvimento psiquico na criança portuguesa** — «Portugal Médico», Pôrto, 1935.

Em 160 crianças portuguesas em idade escolar, até aos 11 anos, determinou o A., neste trabalho — que muito o honra e que para o Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto constitue um grato prémio dos incentivos e concurso dispensados — a inteligência global, a memória, a imaginação e a concentração da atenção, utilizando os métodos de Terman, Pauli, Heilbronner e Frobés.

As conclusões principais são as seguintes. A inteligência glo-

bal é, em média inferior, nas crianças portuguesas, aos padrões normais de Terman, ligeiramente superior no sexo masculino à do feminino, e superior nas classes elevadas à das classes pobres sobretudo dos 9 para os 10 anos. A memória na raparigas é, até aos 10 anos, um pouco superior à dos rapazes, ao passo que na imaginação os rapazes, dos 10 anos em diante, ultrapassam bastante as raparigas. Emfim, as crianças das classes elevadas são superiores às das classes pobres em relação à memória e à concentração da atenção, e inferiores — parece ao A. — quanto à imaginação.

Trata-se de certo de resultados preliminares que suscitam fundado desejo de novas investigações, embora, em geral, venham confirmar algumas observações anteriores de Niceforo, Faria de Vasconcelos, etc. Formulamos o voto de que o A., assistente de pediatria na Faculdade de Medicina do Pôrto, continue com afinco nas suas pesquisas tão auspiciosamente iniciadas.

M. C.

A. ALVES DA CRUZ — **Notas sôbre a língua "Chinsenga"** — «Bro-téria», vol. XIX, Lisboa, 1934.

Na sua longa permanência na Zambézia, o rev. A. Alves da Cruz estudou as línguas *chinyungüe* e *chinsenga*, reünindo sôbre esta última — a respeito da qual não tem conhecimento de qualquer outro trabalho publicado — mais de 2500 vocábulos, e comparando as duas línguas que diferem mais do que o português do francês, sendo em certa medida o chinsenga mais puro e mais melodioso do que o chinyungüe.

O estudo comparativo que o A. fez e de que deu conta numa importante comunicação ao Congresso Nacional de Antropologia Colonial realizado no Pôrto em 1934, proporciona muita luz sôbre as tendências gerais das línguas bântus. O chinsenga é mais sintético do que as nossas línguas. Uma só palavra pode conter ideas que entre nós exigiriam 10 ou mais palavras. A numeração chinsenga é mais primitiva do que a do chinyungüe: refaz-se de cinco em cinco, de modo que seis se diz cinco e um (visanu na chimo), etc. O chinsenga fala-se na região da Batsenga.

M. C.

PEDRO CALMON — *Espírito da Sociedade Colonial* — «Biblioteca Pedagógica Brasileira», 1 vol. ilustr. de cerca de 350 págs. — S. Paulo, 1935.

O dr. Pedro Calmon, que na literatura histórica, na história brasileira, em direito constitucional e noutras matérias, tem dado brilhantes demonstrações das suas altas qualidades de escritor e de erudito, reúne neste livro uma importante série de estudos sobre vários aspectos da sociedade brasileira na época colonial. Todo o volume se lê com vivíssimo interesse e grande proveito, mas, para os antropologistas e etnólogos, têm um valor especial os capítulos sobre a etnogenia brasileira, os cruzamentos, o papel psicológico e social dos vários elementos étnicos do país. Muito interessantes também as páginas consagradas ao nativismo, e dum grande poder sugestivo e muito belas as impressões duma viagem às regiões de Minas Gerais em que a história e a paisagem coloniais conservam, como diz o A., as suas tintas seculares.

É o livro, a um tempo, dum investigador e dum espírito de requintada sensibilidade.

M. C.

P. SAINTYVES — *Les trois nuits de Tobie* — «Revue Anthropologique», t. XLIV, Paris, 1934.

Neste belo e erudito artigo ⁽¹⁾ o director da «Revue Anthropologique» ocupa-se do velho costume da continência dos esposos durante a primeira ou as primeiras noites do casamento.

Esse costume vem de longínquas datas e ainda hoje subsiste nalgumas populações semi-civilizadas do globo, mesmo nalgumas populações da França e doutros países da Europa. A Igreja católica recolheu tal tradição do texto mosaico, onde, como se sabe, o jovem Tobias se salva do funesto destino dos outros sete maridos de Sara, não coabitando com esta nas três primeiras noites depois do casamento. Teve sorte vária esta crença através dos tempos. Ainda nos tempos modernos alguns prelados a queriam

(1) Esta análise bibliográfica foi escrita antes do falecimento de P. Nourry (Saintyves), falecimento ocorrido há poucos meses, após uma fecunda existência de trabalho e de relevantes serviços à Etnografia. Revendo as provas destas linhas, queremos exarar aqui o nosso pesar por tão grande perda que sofreram a Ciência, a França, a Escola de Antropologia de Paris e a «Revue Anthropologique».

manter, mas uma resistência progressiva se foi manifestando contra ela.

P. Saintyves regista, entre as interpretações do costume, como a mais vulgar, a crença na necessidade dum sacrifício para combater as influências dos espíritos maus, desencadeadas pelo sangue impuro do desfloramento. Este sangue atrairia os demónios e os perigos como o cadáver em putrefacção atrai as moscas.

Mas uma razão idealista aparece também a justificar o costume: os directores espirituais teriam pensado em que tornariam assim o homem mais senhor de si e em que moderariam o uso do casamento, sofrendo o violento instinto sexual.

Saintyves faz curiosamente notar que os motivos mágico-religiosos em que intervêm demónios e espíritos perigosos, sobrelevaram na alma popular a motivos idealistas. Afrouxando a crença naqueles, desaparece o costume!

M. C.

RAUL DE ALMEIDA BRAGA — *Aplicações médico-legais da epimicroscopia* — Tese de doutoramento na Faculdade de Medicina de S. Paulo — S. Paulo, 1934.

Com o *Ultrapak*, da casa Leitz, o A., na sequência das investigações de epimicroscopia do dr. Hilário Veiga de Carvalho e sob os ensinamentos de mestre tão proficiente, fez, no Instituto de Medicina Legal Oscar Freire, de S. Paulo, várias verificações pessoais do alto interesse médico-legal da epimicroscopia.

Manchas de sangue e de esperma em vários objectos, vestígios de uso de projecteis, caracteres de pêlos, de ossos, etc., exames histológicos rápidos, são sucessivamente o objecto do estudo do A. com os novos dispositivos.

Belas estampas e uma larga bibliografia enriquecem este livro que muito honra não só o seu autor como quem o inspirou e o instituto científico de que saíu.

M. C.